

# OUTROS HOMENS, OUTROS TEMPOS E OUTROS LUGARES: OS LIVROS DOS OUTROS E OS OUTROS NOS LIVROS

ISABEL LEITE\*

**Resumo:** *Entre nós e os outros começa por haver insuperáveis diferenças, já que não há duas pessoas iguais. Séculos de leituras repetidas provam bem que os mesmos livros atravessam os tempos e deixam marcas diversas em cada leitor, porque quem escreve e quem lê jamais viverá separado.*

*Esses outros, que não nós, viajaram noutros tempos e habitaram outros lugares que, apesar de não serem nossos, nossos se tornaram. Tal aconteceu, naturalmente, com Saint-John Perse, Italo Calvino, Roald Dahl, Nikos Kazantzákis e Victor Hugo, entre tantos outros.*

*O que podem ter de comum consagrados nomes da literatura, uns e outros em busca permanente, multiplicando-se em personagens? Procuram o quê? Talvez a razão da existência... O que é que Hermann Hesse e Romain Gary, por exemplo, entendiam poderem ser a felicidade e o amor?*

*O poder da palavra escrita, registada pela mão de todos esses outros a quem tanto devemos, encarregou-se de eliminar fronteiras e de fazer de cada um de nós um outro, se não mesmo o outro.*

*A ideia subjacente a este texto tem, sobretudo, como propósito suscitar uma reflexão sobre o alcance da imaginação criadora que nos faz penetrar em bibliotecas irreais, ora cativantes, ora assustadoras, porém inesquecíveis.*

**Palavras-chave:** *Biblioteca; Livro; Escrita; Leitura; Literatura; Alteridade.*

**Abstract:** *All human beings are different. Unique. Something always remains to prove that everyone is irreplaceable. Centuries of books, crossing worlds, have been touching mankind in both clear and unsuspected ways. One thing we can say for sure: writers and readers cannot live apart.*

*Those who traveled in time and lived in unbelievable places, coming right from the writer's imagination, can easily be part of our lives. It is absolutely true that for a large variety of reasons, many times we feel such a perfect identification with some characters, that their existence becomes «real». Saint-John Perse, Italo Calvino, Roald Dahl, Nikos Kazantzákis and Victor Hugo, among uncountable names, gave us much of what we are today.*

*But what do they search, undercover, multiplying themselves in characters, some of them living forever in our memory? What do they look for? Is there a reason for their existence? What did Hermann Hesse and Romain Gary, for instance, think about happiness and love?*

*Words, in our particular case written words, have been powerful enough to eliminate every obstacle, possessing our inner selves in ways far from consciousness. The reader becomes «the other». Inside and outside the book there are no differences. Who are we?*

*Amazing, fantastic, terrifying, although nonexistent libraries, from more than a dozen novels, are the main theme of the present reflection. Because we believe that all words, all books, all libraries can be eternal – it depends on us wanting to become «the other» – there is no place for oblivion.*

**Keywords:** *Library; Book; Writing; Reading; Literature; Alterity.*

---

\* CITCEM.

Borges, sempre incontornável, escreveu, em 1941, o seguinte:

*Talvez me enganem a velhice e o temor, mas tenho a suspeita de que a espécie humana – a única – está prestes a extinguir-se e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta. [...] A minha solidão alegra-se com esta elegante esperança<sup>1</sup>.*

Todos os registos do possível e do impossível, todas as perspectivas que o imaginário humano alguma vez tiver delineado, todos os projectos, realizações e concretizações, multiplicados sem fim previsível, embora sujeitos a inúmeros percalços tão antigos quanto a própria história da Terra e tão diversos quanto os insondáveis avatares futuros, tudo o que foi e será alcançado, a par do que não o tiver sido, será encontrado nessa imprecável Biblioteca que conterà o Mundo. Por que razão existimos, que sentido tem a vida, de onde vimos e para onde vamos são interrogações para as quais não haverá duas respostas absolutamente coincidentes. Mas todas lá estarão, representando-nos para sempre.

Mesmo que experimentar a felicidade não seja o máximo desígnio da «espécie humana», de algum modo, ainda que inconscientemente, é a felicidade que procuramos. Hermann Hesse, em 1949, escreve:

*Entre as palavras, existem para cada falante as que lhe são favoritas e as que são estranhas, as preferidas e as evitadas, as quotidianas, mil vezes utilizadas sem nelas recearmos um desgaste, e outras, festivas, que por muito que lhes tenhamos amor, apenas empregamos com grande ponderação e parcimónia, dizemo-las e escrevemo-las com a raridade e criteriosa selecção apropriadas ao seu carácter festivo. Entre estas conta-se, para mim, a palavra felicidade.<sup>2</sup> É uma das palavras que sempre amei e sempre apreciei escutar. Discuta-se e argumente-se o quanto se quiser acerca do seu significado, não deixa em todo o caso de designar algo belo, algo bom e desejável. Em conformidade, aliás, com a sonoridade da palavra<sup>3</sup>.*

Não têm as palavras que necessariamente rimar num poema, mas deparamos, felizmente, com um que desconhecíamos e que muito revela sobre o que Hesse pensava. Em boa verdade, atrevemo-nos, até, a afirmar que felicidade rima, nestes versos, com simplicidade:

*Enquanto a felicidade almejares  
Pronto para ser feliz não estarás,  
Mesmo que teu fosse tudo o que satisfaz.*

*Enquanto o que está perdido lastimares,  
Traçares objectivos e não tiveres descanso,  
Jamais saberás o que é afinal o remanso.*

---

<sup>1</sup> BORGES, 2000: 56-57.

<sup>2</sup> *Glück*, em língua alemã.

<sup>3</sup> HESSE, 2004: 12-13.

*Só quando a cada desejo renunciáres,  
Prescindires de qualquer meta ou ambição,  
De conhecer a felicidade como a palma da mão,*

*Só então a tua alma poderá descansar,  
Quando no teu íntimo o turbilhão cessar<sup>4</sup>.*

Romain Gary, cujo destino muito de comum teve com o de Hermann Hesse, uma vez que ambos escolheram pôr fim à própria vida, deixou-nos uma obra fantástica e multifacetada. No último romance que publica em vida, *Les Cerfs-Volants*, em 1980, o amor, entre a esperança e a coragem, está sempre presente:

*[...] Il y en a qui appellent ça grain de folie, d'autres parlent aussi d'étincelle sacrée. Il est parfois difficile de distinguer l'un de l'autre. Mais si tu aimes vraiment quelqu'un ou quelque chose, donne-lui tout ce que tu as et même tout ce que tu es, et ne t'occupe pas du reste<sup>5</sup>.*

A vida sem amor é uma vida difícil; diríamos impossível. Na senda da felicidade, se não existir amor, e o amor reveste-se de múltiplas formas, não se consegue ir longe. Hesse e Gary, em registos diversos, quiseram que soubéssemos que interrogações e que respostas, perceptíveis nas inúmeras alteridades que são as personagens das suas obras, pautaram as suas próprias vidas.

Mas, perguntamos nós, não de que mas de quem depende a felicidade, esse «estado de graça» alicerçado na efemeridade, como é comum afirmar-se? De nós? Dos outros? Dos outros que somos nós? Apesar de cada um ser único e insubstituível, nunca nos poderemos libertar de uma condição que em todos os momentos faz de nós o outro – é que excepto para nós próprios, para quem somos o eu, sempre seremos o outro. Não há como iludir tal facto. Somos, na verdade, aqueles que, mesmo conscientes da existência dos outros, mais únicos nos sentimos. Todavia, quem mais facilmente consegue entender que desde que nascemos para o Mundo passamos, invariavelmente, a ser um outro mais, diferente, sim, mas nem por isso menos um outro mais, será, como afirmava George Bernard Shaw, um ser que viverá, com certeza, mais sensatamente. Terá sempre presente que é preferível não fazer aos outros o que gostaria que lhe fizessem a si, uma vez que o gosto dos outros pode não ser o mesmo.

Muito bem é transmitida esta ideia por Arthur Schopenhauer, que aqui citamos numa tradução francesa do original de 1851:

*[...] quand on veut vivre parmi les hommes, il faut laisser chacun exister et l'accepter avec l'individualité, quelle qu'elle soit, qui lui a été départie; il faut se preoccuper uniquement de l'utiliser autant que sa qualité et son organisation le permettent, mais sans espérer la modifier et sans la condamner purement et simplement telle qu'elle est<sup>6</sup>.*

<sup>4</sup> HESSE, 2005: 67.

<sup>5</sup> GARY, 1983: 291.

<sup>6</sup> SCHOPENHAUER, 1914: 215-216.

Assim sendo, e voltando a Borges, não se nos assemelha difícil estabelecer uma ligação estreita entre os incomensuráveis registos-testemunhos de uns e de outros e esses espaços que são de todos: as Bibliotecas. Bem mais do que noutros lugares, é nelas que a cada passo encontramos aqueles que acompanharam o desenrolar dos tempos – o ontem e, premonitoriamente ou *avant la lettre*, o amanhã. O hoje, volátil como pouca coisa consegue ser, entre o ontem e o amanhã, revela-se, especialmente no contexto de uma Biblioteca, mais como passado.

Viajar no tempo, através das páginas dos livros, pode tornar-se numa aventura surpreendente. Realidade ou ficção, diante dos nossos olhos, vão assumindo contornos cativantes, intrigantes, repugnantes, porque espelham mundos habitados por outros seres que foram criados por quem não quis ser esquecido e nos deixou o que escreveu. Tomando de uma prateleira um livro já gasto, por ter passado por tantas mãos, ou um outro de lombada incólume, ali recém-chegado, aprendemos o Mundo. Não só o aprendemos, como também passamos a saber transmiti-lo. Quanto mais o fizermos, mais nos aperceberemos de quão longe poderemos ir, porque as bibliotecas se multiplicam.

Bibliotecas onde, mesmo em total silêncio, se prestarmos atenção, as vezes se sobre põem, em mil e um tons, agudos e graves, sem limites. Podemos deixar-nos interpelar por essas vozes, às vezes apenas murmuradas, que vêm de há séculos e se fazem escutar. Ou não. Só depende de cada um. Os sentidos são convocados ao sabor da essência que transportamos em nós. Não deixa de ser prodigioso que, dentro de tantos e tantos livros, haja bibliotecas frequentadas por leitores que sabemos que nunca existiram realmente – bibliotecas provincianas; bibliotecas colossais; bibliotecas fantásticas; bibliotecas atraentes; bibliotecas assustadoras; bibliotecas transbordantes de vida; bibliotecas onde a ninguém agradaria permanecer. Todas elas provindas de experiências minuciosamente relatadas ou de divagações oníricas, porém mundos que despertam sensações e pensamentos de que logo nos apropriamos. É o génio de alguns que nos faz entrar nesses lugares de prazer e perdição. Lugares que jamais conheceríamos, se as suas portas não nos tivessem sido franqueadas pela imaginação criadora dos outros.

Avancemos e recordemos algumas das mais arrebatadoras bibliotecas que, pela pena de grandes nomes, desta feita estrangeiros, mesmo que nelas jamais tenhamos podido, sequer, entrar, se transformaram em extraordinárias cidadelas que hoje fazem parte da memória que guardamos das nossas viagens.

Começemos, por exemplo, com Saint-John Perse, Nobel da Literatura em 1960:

*Un homme s'en vint rire aux galeries de pierre des Bibliothécaires – Basilique du Livre!...*  
 [...]

*Et les murs sont d'agate où se lustrent les lampes, l'homme tête nue et les mains lisses dans les carrières de marbre jaune – où sont les livres au sérail, où sont les livres dans leurs niches, comme jadis, sous bandeletes, [...] aux chambres closes des grands Temples – les livres tristes, innombrables, par hautes couchés crétaées portant créance et sédiment dans la montée du temps...*

[...]

*Haut murs polis par le silence et par la science, et par la nuit des lampes. Silence et silencieux office. Prêtres et prêtrise. Sérapéum!*<sup>7</sup>

O excerto é de *Vents*, de 1946.

Não deixa de ser curioso o que acabámos de citar, porque é certo que Saint-John Perse, em conversa com Aristide Briand, durante um passeio no rio Potomac, aquando de uma missão diplomática em Washington, em 1921, defendendo o seu proverbial amor pela natureza e explicando a sua conhecida aversão ao papel impresso, pronuncia a célebre frase «Um livro é a morte de uma árvore», ambiguidade existencial de que nunca, como o confessará, se livrou. Tal não o tinha, aliás, impedido, em 1914, de ser conselheiro literário da Biblioteca do Congresso. Mas, na altura, era, ainda, Alexis Léger. São assim, os homens de génio: seres complexos...

Há, também, na simplicidade das crianças, rasgos que nos deixam, quantas vezes, desconcertados. Neste curiosíssimo excerto de William Saroyan, retirado de *A Comédia Humana*, romance de 1943, dois amigos, Lionel e Ulisses, visitam a Biblioteca do bairro:

«*Está procurando alguma coisa, menino?*», disse Mrs. Gallagher para Lionel.  
«*Livros*», disse Lionel baixinho.  
«*Quais são os livros que procura?*», disse a bibliotecária.  
«*Todos eles*», disse Lionel.  
«*Todos eles?*», disse a bibliotecária. «*Que quer dizer? Não se pode levar mais que quatro livros de cada vez.*»  
«*Não quero levar nenhum*», disse Lionel  
«*Bem, que pretende, então, fazer com eles?*», disse a bibliotecária.  
«*Quero só olhar para eles*», disse Lionel.  
«*Olhar para eles?*», disse a bibliotecária. «*Não é para isso que existe a biblioteca pública. Pode-se olhar o livro por dentro, pode-se olhar as figuras que há neles, mas por que diabo quer você olhar as capas?*»  
«*Gosto de olhar*», disse Lionel. «*Não posso?*»  
«*Bem*», disse a bibliotecária, «*não há uma lei contra isso.*» Olhou para Ulisses. «*E quem é esse?*», disse ela.  
«*Este aqui é Ulisses*», disse Lionel. «*Ele não sabe ler.*»  
«*E você, sabe?*», disse a bibliotecária para Lionel.  
«*Não*», disse Lionel, «*mas ele também não sabe. É por isso que somos amigos. Ele é o único homem que conheço que não sabe ler*»<sup>8</sup>.

Talvez pela sua extraordinária originalidade, recorrentemente nos venha à memória este diálogo. Abarcar o Mundo num olhar; mirar os outros. Ali juntos. Simplesmente. E dentro de uma Biblioteca.

Exactamente o contrário do que se passa com o General Stumm, de Robert Musil, em *O Homem Sem Qualidades*, escrito entre os anos 30 e 40 do século passado:

<sup>7</sup> PERSE, 1986: 186.

<sup>8</sup> SAROYAN, s.d: 198-199.

*E assim penetrei no santo-dos-santos da biblioteca. Juro-te que tive a impressão de estar a penetrar no interior de um crânio. Não havia nada à minha volta senão prateleiras e prateleiras de livros, escadas de mão e, sobre as mesas e secretárias, apenas catálogos e bibliografias, toda a quinta-essência do saber. Não se via um único livro capaz de ser lido, só livros acerca de livros: tudo aquilo cheirava a massa cinzenta e não me estou a gabar se disser que julguei ter conseguido qualquer coisa! Mas tenho de confessar que, logo que o tipo me quis deixar ali sozinho, comecei a sentir-me esquisito, pouco à vontade, é o termo; recolhido e pouco à vontade. O homem trepa-me por uma escada acima, como um macaco, agarra num volume a que deitara o olho cá de baixo, entrega-mo e diz: «Ora aí tem, meu General, uma bibliografia.» (estás a ver?) ou seja, a lista alfabética dos títulos de todos os livros e trabalhos que foram consagrados nos últimos cinco anos aos progressos das ciências éticas, com exclusão da teologia moral e das belas-letas... Pelo menos foi isso o que ele me explicou, e no fim preparava-se para fugir. Mal tive tempo de o agarrar, deitando-lhe a mão ao casaco. «Senhor Bibliotecário», exclamei, «não pode abandonar-me assim sem me explicar como é que consegue entender-se no meio de toda esta... (sim, empreguei levianamente a palavra maluqueira, porque foi a impressão que eu tive) desta maluqueira de livros<sup>9</sup>».*

Não duvidamos do à-vontade com que o General se sentiria no campo de batalha. Mas duvidamos do gosto com que permaneceria, horas a fio, naquela Biblioteca.

Muitas vezes deparamos com associações bem interessantes. Jean Guichard-Meili, em *La Bibliothéque de Borges*, de 1985, escreve o seguinte:

*[...] un livre déclassé est un livre perdu, c'est-à-dire condamné, comme une goutte d'eau dans la mer. Oui, dans l'océan quadrillé de nos millions de livres, selon les perspectives interminables des kilomètres de nos rayonnages, une goutte de savoir mal replacée parmi ses semblables est une goutte évaporée, dissipée dans une brume d'où elle peut ne ressurgir que des années plus tard, par chance, ou peut-être jamais<sup>10</sup>.*

Guichard-Meili convoca o oceano e a gota de água para nos fazer vislumbrar um vasto espaço onde algo está deslocado, fora do seu lugar, o que faz toda a diferença. É, deveras, interessante.

Já que assim é, pelo menos na nossa opinião, recorramos, de imediato a Italo Calvino e a *Se Numa Noite de Inverno um Viajante* (1979):

*Leitor, já é tempo de a tua inquieta navegação lançar a âncora. Que porto pode receber-te com maior segurança do que uma grande biblioteca? Certamente há uma na cidade donde partiste e aonde regressaste após a tua volta ao mundo, de um livro para outro. Resta-te ainda uma esperança: que os dez romances que se volatilizaram nas tuas mãos mal começaste a sua leitura se encontrem nesta biblioteca.*

*Depara-se-te finalmente um dia livre e descansado; vais à biblioteca, consultas o ficheiro; reténs-te a custo de soltar um grito de júbilo, aliás, dez gritos: todos os autores e títulos que procuras figuram no ficheiro, diligentemente registados.*

<sup>9</sup> MUSIL, s.d.: 181.

<sup>10</sup> GUICHARD-MEILI, 1985: 5.

[...]

*O olhar do leitor à tua frente, em vez de pousar no livro aberto que tem nas mãos, vagueia pelo ar. Contudo, não são olhos distraídos, os seus: uma fixidez intensa acompanha os movimentos das íris azuis. De vez em quando os vossos olhares encontram-se. A certa altura dirige-te a palavra, ou melhor, fala como que no vazio, mas sem dúvida dirigindo-se a ti:*

*«Não se admire de me ver sempre a vaguear com os olhos. De facto é esta a minha maneira de ler e só assim a leitura me é proveitosa. Se um livro me interessar realmente, não consigo segui-lo mais de poucas linhas porque a minha mente, captando um pensamento que o texto lhe propõe, ou um sentimento, ou uma interrogação, ou uma imagem, faz-lhe uma tangente e salta de pensamento em pensamento, de imagem em imagem, num itinerário de raciocínios e fantasias que precisa de percorrer até ao fim, afastando-me do livro até perdê-lo de vista. É-me indispensável o estímulo da leitura, e de uma leitura suculenta, embora só consiga ler de cada livro poucas páginas. Mas essas poucas páginas para mim já encerram o universo inteiro, de que não consigo ver o fundo».*

[...]

*É através destas espirais que, em relâmpagos que mal se distinguem, se manifesta a verdade que o livro pode conter, a sua substância última<sup>11</sup>.*

O Mundo somos nós, sendo que nós somos o Mundo. Nós e os outros. Os outros e nós. E se a Biblioteca é o espelho do Mundo, será, então, ela própria a mais detalhada, verdadeira, imperecível de todas as representações desse Mundo-Criação?

*Este pensador observou que todos os livros, por muito diferentes que sejam, constam de elementos iguais: o espaço, o ponto, a vírgula, as vinte e duas letras do alfabeto. Também acrescentou um facto que todos os viajantes têm confirmado: não há, na vasta Biblioteca, dois livros idênticos<sup>12</sup>.*

Nesta citação de Jorge Luis Borges, «o homem, o imperfeito bibliotecário», parece ater-se a um alfabeto. Porém, quantos são eles? Na verdade, tantos quantos forem os seus decifradores, multiplicados pelas infinitas galerias hexagonais dessa Biblioteca-Universo. É certo que não há um livro que possa ser a chave e o resumo perfeito de todos os outros. Não é em Babel que está «O Homem do Livro».

*Afirmam os ímpios que o disparate é normal na Biblioteca e que o razoável (e até a humilde e pura coerência) é uma quase milagrosa excepção. Falam (eu sei-o) da biblioteca febril, cujos furtivos volumes correm o incessante risco de se transformarem noutros e que tudo afirmam, negam e confundem como uma divindade que delira. Estas palavras, que não só denunciam a desordem mas também a exemplificam, provam de maneira notória o seu péssimo gosto e a sua desesperada ignorância<sup>13</sup>.*

---

<sup>11</sup> CALVINO, 2000: 293-295.

<sup>12</sup> BORGES, 2000: 53.

<sup>13</sup> BORGES, 2000: 55.

Podemos nós mesmos imaginar Atena e Ares no Olimpo, confrontando-se como se a Biblioteca dos deuses fosse um campo de batalha. A sabedoria, a estratégia, a pertinência e o juízo enfrentando a confusão, o improviso, o descontrolo e a falta de senso. A protecção de Atena, guardiã da civilização, zelando pela cultura e pelas artes, de muito valeu, certamente, aos papiros, pergaminhos, manuscritos, incunábulo e livros que ainda hoje existem. A questão, no entanto, é que apesar da sua protecção, o mundo não pode fazer sempre sentido. Porque existimos nós e existem os outros, ambos com e sem razão.

Mais do que a propósito vem Primo Levi que, em *O Sistema Periódico*, de 1975, nos oferece o seguinte retrato:

*Logo que me foi possível, meti-me na biblioteca, quero dizer, na venerável biblioteca do Instituto Químico da Universidade de Turim, naquele tempo impenetrável aos infiéis como Meca, dificilmente também aos fiéis como eu. Pensa-se que a Direcção seguisse o sábio princípio segundo o qual é bom desencorajar as artes e as ciências: só quem tinha uma necessidade absoluta ou uma paixão subversiva é que se submetia de ânimo leve às provas de abnegação que eram exigidas para consultar os volumes. O horário era curto e irracional; a iluminação escassa; os índices estavam em desordem; no Inverno não havia qualquer aquecimento; não havia cadeiras, mas apenas escabelos metálicos incómodos e barulhentos; e, finalmente, o bibliotecário era um labrego incompetente, insolente e de uma fealdade descarada, espetado à porta para assustar com o seu aspecto e com os seus latidos os que pretendiam entrar<sup>14</sup>.*

Embora sejamos capazes de sentir a beleza, de a apreciar, mesmo à *vol d'oiseau*, por conhecermos tantas e tantas bibliotecas por esses continentes fora – infelizmente, ficámo-nos, a Oriente, pela Bibliotheca Alexandrina – devemos reconhecer tanto o belo como o horrível, mesmo que um e outro sejam subjectivos.

Tom Sharpe, em *Vícios Ancestrais*, que publicou em 1980, descreve-nos algo de irremediavelmente assustador:

*Construída em cimento reforçado e protendido, um labirinto de condutas metálicas e colunas de fibra de carbono, cada uma delas sustentando nada mais nada menos do que um acre de vidro, a biblioteca conseguia quebrar todas as regras do manual de conservação de energia. No Verão, o calor húmido que irradiava era de tal maneira intenso, que os elevadores só não ficavam presos entre os pisos graças à instalação de um sistema de ar condicionado complicadíssimo e extremamente caro.*

*Durante os meses de Inverno, passava a temperaturas glaciais e a queda de temperatura era de tal maneira abrupta que era frequente ter de se usar fogões de microondas para que os livros, que no Verão sofriam uma humidade excessiva, pudessem ser descongelados e abertos. Para remediar estes efeitos negativos, fora essencial reforçar o sistema de ar condicionado através de aquecimento central utilizando, para isso, as ditas condutas de metal que finalmente serviam para alguma coisa. Mesmo assim, graças à obsessão do arquitecto pelas tecnologias avançadas e o seu completo desconhecimento sobre que utilização dar-lhes na prática, uma pequena*

<sup>14</sup> LEVI, 2013: 223.



*aberta de sol podia ameaçar os estudantes, que entretanto tinham estado a bronzear-se, de logo a seguir ficarem enregelados*<sup>15</sup>.

Há uma especialíssima Biblioteca, que Steven Millhauser descreve em *Le Royaume de Morphée*, precisamente no mesmo ano de 1980, Biblioteca que aqui citamos a partir de uma versão francesa. Perigosamente aliciante, pelo menos na nossa opinião, será que, um dia, se tornará realidade?

*Je me trouvai dans ce qui paraissait être une bibliothèque mal éclairée s'étendant dans toutes les directions, à perte de vue. C'était un lieu qui ne ressemblait à aucune des bibliothèques que j'avais eu l'occasion de voir. Les rayonnages en bois ne dessinaient pas des perspectives en lignes droites, mais couraient en de paresseux meandres, formant de trompeuses ailes sinueuses qui s'évanouissaient soudain comme des sentiers forestiers. Les planches étaient disposées à des hauteurs irrégulières, pouvant aller de dix à quinze pieds, voire se perdre parfois dans les ténèbres supérieures. Les ailes étaient éclairées chichement par de petites flammes enfermées dans un cylindre de verre, fixé à des patères de bois qui ressortaient sur les montants verticaux fractionnant les rayonnages. Çà et là, entre les livres, existaient des vides de presque six pieds, et dans la plupart de ces espaces quelqu'un était étendu, lisant, ou dormant, la tête appuyée sur un oreiller. L'air était empli du léger bruit des respirations et des pages tournées doucement. Les occupants des étagères étaient allongés sur le dos, les bras croisés sur les yeux ou bien tenant le livre ouvert au-dessus de leur poitrine. Parfois ils étaient appuyés sur un coude pour lire à la lueur vacillante des lampes fixées aux rayonnages, ou bien encore ils étaient à plat ventre, un bras ballant dans le vide. Et puis çà et là, entre les livres, un couple gisait enlacé dans une langoureuse étreinte*<sup>16</sup>.

Bem antes, em 1869, *Cartas do Meu Moinho*, de Alphonse Daudet, vêem a luz do dia. Em *A Mula do Papa*, surge uma breve descrição que, pessoalmente, faz as nossas delícias:

*Quinze léguas em redor do moinho, quando se fala de um homem rancoroso, vingativo, diz-se: «Desconfiai deste homem... é como a mula do Papa, que guarda sete anos o seu coice.»*

*Procurei durante muito tempo a origem de tal provérbio, qual vinha a ser essa mula papal e esse coice guardado durante sete anos.*

[...]

*«O senhor não encontrará isso senão na biblioteca das Cigarras», disse-me, a rir, o velho Mamal.*

*A ideia pareceu-me excelente e, como a biblioteca das Cigarras está à minha porta, fui-me lá encerrar durante oito dias.*

*É uma biblioteca maravilhosa, admiravelmente montada, aberta aos poetas dia e noite, servida por pequenos bibliotecários que estão constantemente a tocar címbalo. Passei lá uns dias deliciosos e, depois de uma semana de investigações – estendido de ventre para o ar – acabei por descobrir o que queria, isto é, a história da minha mula e desse famoso coice guardado durante sete anos. O conto é bonito, ainda que um pouco ingénua, e vou tentar narrar-vo-lo tal qual o*

<sup>15</sup> SHARPE, 1990: 114.

<sup>16</sup> MILLHAUSER, 1991: 139.

*li ontem num manuscrito cor do tempo que cheirava bem a alfazema e tinha fios da Virgem por sinetes*<sup>17</sup>.

A música vem sempre a propósito. Podemos falar de bibliotecas musicais; de música em bibliotecas; de como o puro abstraccionismo que cada nota numa pauta representa logo nos suscita as maiores emoções quando essas mesmas notas se espraíam no papel e juntas nos despertam até memórias esquecidas... Talvez Mussorgsky pudesse sentir-se inspirado por alguma biblioteca que frequentasse, já que em 1874 compôs *Quadros Numa Exposição*. Porque não *Livros Numa Biblioteca*?

Divagando, vem-nos à memória *Matilda*, de Roald Dahl (1988), uma menina de cerca de 4 anos, sobredotada, que o que mais quer na vida é ler o que os adultos lêem, embora muitas vezes não compreenda o que lê. Passa imenso tempo sozinha e acaba por fazer da Biblioteca da aldeia o seu mundo. É aí que ouve um precioso conselho da bibliotecária: «Não te inquietes com o que te escapa. Lê tranquilamente e deixa que as palavras te embalem como uma música».

Entretanto, não nos esqueçamos de Aris Fakinos e de *A Cidadela da Memória*, de 1992. Há uma passagem na obra em que Mélétiós, o bibliotecário do Mosteiro do Profeta Elias, situado em frente à ilha de Paliokastro, último bastião livre da Grécia ocupada pelos otomanos dois séculos antes, filosofa com um leitor que, enquanto o ouve falar, tem a impressão de que os pergaminhos e manuscritos guardados nos armários têm boca e o dom da fala. Mélétiós, que encara a realidade à luz da experiência que lhe advém da leitura aturada de textos antigos, não se mostra muito optimista relativamente ao futuro da Humanidade. Os museólogos de Atenas que vieram, usando as mais recentes tecnologias, inventariar o património artístico dos mosteiros, não lhe inspiram grande confiança. Séculos antes, o comandante das forças otomanas, um homem culto, compreendera que os gregos iam buscar a sua força à memória do passado transmitida pelos livros, e viera, incógnito, à Biblioteca do Mosteiro, no seu encaço, antes do cerco, para os ler com atenção. Fora assim que conseguira dominar a rebelião dos habitantes de Paliokastro, destruindo o cipreste da aldeia, símbolo da sua liberdade.

Entre os *Sonetos* de Shakespeare, há um, em particular (o 53.º), que nos ocorre quando pensamos no infinito universo contido nos livros:

*Qual a substância de que és feito  
 que alheias sombras aos milhões convocas?  
 Se cada um tem uma, uma, de jeito  
 que tu só uma, e em todas te colocas. [...]*<sup>18</sup>

Sem tempo, nem espaço de permeio, eis que Valery Larbaud, por exemplo, em *Europe*, longo e belíssimo poema que faz parte de *Les Poesies de A. O. Barnabooth*, de 1948, nos dá a sua resposta, nestes versos:

<sup>17</sup> DAUDET, s.d.: 48-49.

<sup>18</sup> MOURA, 2002: 117.

*Car lá, dans le brouillard, sont les bibliothèques! [...]  
Sentir qu'on est si haut qu'on est pris de vertige,  
Comme si quelqu'un vous murmurait les mots:  
«Je te donnerai tout cela», sur la montagne!<sup>19</sup>*

Mas respostas? Que respostas? O melhor será guardar tudo no cérebro, onde ninguém irá procurar (Ray Bradbury *dixit*, em *Fahrenheit 451*, de 1953). Ou não.

Assim sendo, deixar escrito. Porque é para o infinito que o fazemos. Para o que existirá depois de nós. Para a memória do Mundo.

Victor Hugo, em Junho de 1871, em *L'Année Terrible*, expõe esta condição de uma forma magistral:

*À Qui La Faute?  
Tu viens d'incendier la Bibliothèque?  
- Oui. J'ai mis le feu là.  
- Mais c'est un crime inouï,  
Crime commis par toi contre toi-même, infâme!  
Mais tu viens de tuer le rayon de ton âme! [...]<sup>20</sup>*

A Alma do Mundo não tem tamanho, porque, essencialmente, não tem a ver com questões de espaço e de tempo. Por isso mesmo ninguém é Senhor do Mundo. Cumpre-nos, sem dúvida, olhá-lo como o dom que é: um legado; um legado em permanente construção; um legado que, para sempre, as bibliotecas continuarão a reflectir.

Terminemos com Schopenhauer, escrevendo, em 1851, sobre os livros e a escrita:

*Os autores podem ser divididos em meteoros, planetas e estrelas fixas. [...] Só os terceiros são imutáveis, mantêm-se firmes no firmamento, brilham com luz própria e influenciam todas as eras por igual, pois o seu aspecto não se altera quando se altera o nosso ponto de vista, dado que não têm paralaxe: [...] pertencem ao Universo<sup>21</sup>.*

## BIBLIOGRAFIA

- BORGES, Jorge Luis (2000) – *Ficções*. Lisboa: A/CJ.  
CALVINO, Italo (2000) – *Se Numa Noite de Inverno um Viajante*. Lisboa: Teorema.  
DAHL, Roald (2006) – *Matilda*. Paris: Gallimard.  
DAUDET, Alphonse (s.d.) – *Cartas do Meu Moinho*. Porto: Livraria Chardron.  
FAKINOS, Aris (1992) – *La Citadelle de la Mémoire*. Paris: Fayard.  
GARY, Romain (1983) – *Les Cerfs-Volants*. Paris: Gallimard.  
GUICHARD-MEILI, Jean (1985) – *La Bibliothèque de Borges*. Paris: Éditions Porte du Sud.  
HESSE, Hermann (2004) – *Da Felicidade*. Lisboa: Difel.  
—— (2005) – *Ainda Da Felicidade*. Lisboa: Difel.

<sup>19</sup> LARBAUD, 1966: 76-77.

<sup>20</sup> HUGO, 1985: 172.

<sup>21</sup> SCHOPENHAUER, 1998: 86.

- HUGO, Victor (1985) – *L'Année Terrible*. Paris: Gallimard.
- LARBAUD, Valery (1966) – *Les Poésies de A. O. Barnabooth*. Paris: Gallimard.
- LEVI, Primo (2013) – *O Sistema Periódico*. Lisboa: Teorema.
- MANGUEL, Alberto (1998) – *Uma História da Leitura*. Lisboa: Editorial Presença.
- MILLHAUSER, Steven (1991) – *Le Royaume de Morphée*. Paris: Rivages.
- MONTAIGNE, Michel de (1999) – *Dos Livros*. Lisboa: Teorema.
- MOURA, Vasco Graça (2002) – *Os Sonetos de Shakespeare: versão integral*. Lisboa: Bertrand Editora.
- MUSIL, Robert (s.d.) – *O Homem sem Qualidades. Vol. II*. Lisboa. Livros do Brasil.
- PERSE, Saint-John (1986) – *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard.
- SAROYAN, William (s.d.) – *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro. Editora Pan-Americana.
- SCHOPENHAUER, Arthur (1914) – *Aphorismes Sur la Sagesse Dans la Vie*. Paris: Librairie Félix Alcan.
- (1998) – *Aforismos*. Mem Martins. Publicações Europa-América.
- SHARPE, Tom (1990) – *Vícios Ancestrais*. Lisboa: Teorema.